


DIALÓGOS POSSÍVEIS: O INSTITUCIONALISMO DE THORSTEIN VEBLEN E A SOCIOBIOLOGIA DE EDWARD WILSON

POSSIBLE DIALOGUES: THORSTEIN VEBLEN'S INSTITUTIONALISM AND EDWARD WILSON'S SOCIOBIOLOGY

Alexandre da Silva

Hélio Afonso de Aguiar Filho

 <http://lattes.cnpq.br/0121223618533315>

Professor adjunto da Faculdade de Economia da Universidade Federal do rio Grande do Sul.

Resumo

A despeito de certas formulações reconhecerem o ambiente econômico como assemelhando-se ao ambiente natural descrito pela biologia evolucionária darwinista, inexistente na Economia uma análise da ação econômica calcada em motivações biológicas. Thorstein Veblen foi o autor que mais se aproximou desse propósito ao procurar explicar a mudança econômica integrando a análise institucional à noção de instintos. Esse artigo contrapõe o institucionalismo vebleniano à perspectiva mais recente da sociobiologia de Edward Wilson. Espera-se entender o quanto a interlocução de Veblen avançou no sentido de mediar a perspectiva biológica com a cultural e a econômica.

Palavras Chaves: Thorstein Veblen. Edward Wilson. Institucionalismo. Sociobiologia. Economia.

Abstract

Although certain formulations recognize the economic environment as resembling the natural environment described by Darwinian evolutionary biology, there is no economic analysis in economics based on biological motivations. Thorstein Veblen was the author who most approached this proposition when trying to explain the economic change integrating the institutional analysis to the notion of instincts. This article contrasts Veblenian institutionalism with the more recent perspective of Edward Wilson's sociobiology. We hope understand how Veblen's interlocution has advanced in the sense of mediating the biological, cultural and economic perspective.

Key Words: Thorstein Veblen. Edward Wilson. Institutionalism. Sociobiology. Economia.

Introdução

A relação das ciências sociais com as ciências naturais sempre foi marcada por tensões e acomodações. Durante algum tempo os cientistas sociais buscaram replicar os procedimentos das ciências naturais em suas teorias desconsiderando que os objetos de pesquisa em ambos os campos diferiam tanto em termos ontológicos quanto epistemológicos, demandando para cada área uma série de procedimentos metodológicos específicos.

Na Economia, por exemplo, o método das ciências físicas foi emulado desde cedo, ganhando força e expressão com a chamada “Revolução Marginalista” da década de 1870 e, depois, com a “Revolução Formalista” da década de 1950 (BLAUG, 1972 e 2003). A tentativa de produzir conhecimentos da realidade a partir da epistemologia levou à adoção de princípios mecanicistas como o atomismo e o reducionismo, ambos presentes na abordagem econômica do *mainstream* e responsáveis pelas principais falhas da Economia (LAWSON, 2013). Uma alternativa ao chamado “complexo de física” dos economistas, veio da biologia evolucionária de Charles Darwin. Esta influenciou vários autores, a começar por Karl Marx, Alfred Marshall e Friedrich Hayek, todos buscando entender os processos econômicos com base na metáfora do ambiente mutável darwiniano.

Nenhuma das abordagens citadas acima, contudo, ousou descrever o comportamento humano e a ação social com fundamento em entidades biológicas, como instintos ou genes. Uma exceção dentro da teoria econômica, pode ser encontrada em Thorstein Veblen. Além de ter teorizado sobre a necessidade de uma ciência social evolucionária, o autor foi além da metáfora do ambiente econômico competitivo, buscando integrar sua teoria das instituições com uma abordagem biológica calcada na noção de instintos. A questão então é saber o quão bem sucedida foi a tentativa de Veblen de integrar a dimensão biológica à social e, particularmente, à econômica. Com base nisso, o presente trabalho busca contrapor a concepção de Thorstein Veblen sobre a ação social à perspectiva mais recente da sociobiologia de Edward Wilson. Este último, juntamente com Richard Dawkins e Robin Fox, são considerados os criadores deste campo do conhecimento, com o entendimento comum de que o gene é o principal foco da seleção natural, e não mais os grupos ou espécies.

Este artigo divide-se nas seguintes seções. Além da introdução, consta uma segunda seção contextualizando Veblen e sua contribuição para o nascimento da escola de pensamento institucionalista, bem como a influência do darwinismo sobre seus estudos. Na terceira seção introduz-se a Sociobiologia por meio dos trabalhos de Edward Wilson, contrapondo-a ao

pensamento de Veblen, com destaque para os pontos de convergência entre ambos os autores. Na última seção, conclui-se o trabalho.

Thorstein Veblen e a Economia Evolucionária

Durante o último quarto do século XIX, o mundo vivia a intensificação do processo de industrialização, que não se restringia mais ao Reino Unido. Neste período, tem início a fase de acirramento da competição entre os Estados Nacionais, com o chamado imperialismo econômico.

No campo da ciência, na física, Maxwell e Hertz trazem grandes contribuições com, respectivamente, a teoria eletromagnética e a unificação do magnetismo e da óptica dentro da teoria eletromagnética. Nas ciências biológicas, a metáfora de organismos como máquinas tornou-se dominante na cultura científica. Não obstante, este período ficou marcado pela disseminação das teorias de Charles Darwin e sua teoria da evolução¹.

Nesta época, o positivismo de Auguste Comte já estava disseminado nas ciências. A ideia principal defendida pelo autor e seguidores era a de que o conhecimento científico seria a única forma de conhecimento verdadeiro. Existiria um princípio ontológico governando a hierarquização entre ciências. A organização da vida humana prescindiria de componentes biológicos, os quais, por sua vez, prescindiriam dos componentes químicos da matéria e estes dos físicos. Cada qual, portanto, surgido a partir do substrato anterior com acréscimo de uma nova e irreduzível camada ontológica. No domínio social, a fusão das ideias de Darwin (2006) e August Comte levou ao surgimento da filosofia da história de Herbert Spencer.

A Economia, que nos fins do século XVIII deu seus primeiros passos como ciência autônoma, ao se separar da política (DUMONT, 2000), começa seu processo de institucionalização acadêmica. A revolução intelectual trazida com o marginalismo e seu individualismo atomista foi importante nesse sentido. A consequência foi o isolamento progressivo da Economia, separando-se dos domínios do social e da História. A até então dominante escola clássica de pensamento não negava os problemas relacionados à estrutura social, ao conflito entre as classes e à dinâmica histórica². A hesitação de Marshall em emular o método abstrato da física ao mesmo tempo em que defendia a visão evolutiva de Darwin

¹ Sua polêmica obra, *A Origem das Espécies*, de 1859, trouxe à luz a teoria evolucionária. A maior parte dos cientistas estaria convicta dos princípios da evolução e da origem comum por volta do fim do século XIX.

² Marx não cansou de reconhecer, por exemplo, sua dívida para com Hegel e Darwin. Já com a economia nascente a direção é outra.

(2006) é sintomático das tensões as quais o campo do conhecimento econômico estava submetido. Ao cabo deste período de mudanças, prevaleceu a estática comparativa da física como modelo inspirador para os economistas, em parte em função da postura ambígua do próprio Marshall. Vale salientar que se o caminho seguido pela Economia tivesse sido a emulação da ciência biológica, seu *status* científico em nada seria afetado, a despeito da perda de capacidade preditiva haveria um aumento na sua capacidade explicativa, conforme sustenta Rosemberg (2009).

Do outro lado Atlântico, os Estados Unidos já despontavam como uma grande potência industrial. Sua relevância econômica se fazia sentir também no domínio intelectual. Neste período, houve uma expansão da criação das universidades e o reforço na valorização do conhecimento científico (HODGSON, 2004). Contudo, muitas universidades estadunidenses padeciam dos mesmos problemas da economia do país, permanecendo sob a influência do que se convencionou chamar de capitalismo oligopolizado. Foi nesse contexto que emergiram as ideias de Thorstein Veblen, o principal expoente da chamada escola institucionalista de pensamento. Filho de imigrantes noruegueses radicados nos Estados Unidos, Veblen inaugura uma nova visão da sociedade da época.

As múltiplas faces de Thorstein Veblen³ podem desviar o foco de suas maiores ideias, assim como sua vida pessoal afetou sua produção científica. Pode-se dizer que as principais influências de Veblen, além de Charles Darwin, foram a filosofia de Kant e a psicologia de William James (Hodgson, 2004). No campo da ciência econômica, seu artigo *Why is economics not an evolutionary science?* Constituí-se em um ataque frontal à ortodoxia econômica, ao caracterizar a ciência econômica como uma área do conhecimento metodologicamente atrasada em relação às demais ciências sociais.

Lawson (2013) afirma que o *approach* evolucionário de Veblen (1898) foi a sua maior contribuição para a ciência, bem como sua crítica associada a aquilo que considerava como metafísica primitiva da ciência, particularmente na Economia. Veblen (1898) classificava explicitamente a Economia de seu tempo como “pré-darwiniana” e buscava construir, num campo alternativo, uma teoria institucionalista pautada nos princípios básicos da abordagem darwiniana. Nesse sentido compreende-se que Veblen entendia que os fundamentos teóricos que até então determinavam os caminhos de sua ciência eram significativamente incompatíveis com relação ao seu objeto de estudo, o mundo econômico e social. Veblen (1898) teria sido o único, inclusive dentre os institucionalistas, que trabalhou de forma

³ Para maiores detalhes sobre a vida de Veblen, ver Dorfman (1945).

sistemática toda a teoria de Darwin (HEDOIN, 2012). Deve-se ressaltar, nesse sentido, que Darwin (2006) construiu uma teoria original fundada exatamente sobre aquilo que as abordagens científicas pretéritas descartavam: a variação (MAYR, 2004). A repercussão desta nova abordagem científica, que revolucionou a forma do homem ver o mundo, foi grande.

A influência de Darwin sobre Veblen não foi somente quanto ao método da Economia, mas pelo reconhecimento do caráter natural do ser humano e mutável da sociedade. Na perspectiva de Veblen (1898), o comportamento humano é guiado de maneira instintiva, contudo, esses instintos não devem ser considerados de maneira tropismática⁴, sendo apenas o componente constante da vida humana ao longo da história. As condições ambientais, incluindo as disposições econômicas afetam a maneira como os instintos vão se manifestar. A razão e as instituições são os outros dois componentes do comportamento humano. Para as questões mais imediatas, a razão funcionaria como meio, indicando soluções e caminhos, o que retiraria o determinismo da ação. Já as instituições, estas se constituem em hábitos de pensamento, surgidas para regular o comportamento instintivo. A história da humanidade seria descrita como história das instituições e sua evolução.

Boyles e Tilman (1993) resumem bem como Veblen descreve a maneira como o comportamento humano mudou através da história (p. 1199-1200):

Tanto na Teoria da Classe Ociosa quanto no *The Instinct of Workmanship*, Veblen descreve como o comportamento mudou ao longo da história. A essência de sua afirmação é que as instituições econômicas moldam as ações humanas. No entanto, dizer que as próprias instituições são diretamente responsáveis pela mudança de comportamento humano é uma simplificação excessiva do ponto de vista de Veblen. Mais precisamente, Veblen afirma que é influência institucional na composição hereditária que determina o comportamento humano.

Como forma de ilustrar, Boyles e Tilman (1993, p.1200) fazem uma breve recapitulação de *The Instinct of Workmanship*, onde afirmam que “Veblen formulou a hipótese de quatro eras distintas na história da humanidade: a selvageria, a cultura predatória, a era do artesanato e a era da máquina”. Cada época pode ser definida em termos do estado das artes industriais e do estado da natureza humana encontrado nela. E explicam o instinto de *workmanship* como um reflexo das mudanças do comportamento humano a partir das mudanças sociais: no estado de selvageria, os seres humanos já são identificáveis como animais que usam ferramentas, mas as ferramentas não avançaram o suficiente para permitir a

⁴ A ação impulsiva, não adaptável e não sujeita a algo; reação de organismos fixos ou de suas partes, que consiste na mudança de orientação determinada por estímulos externos, dita positiva quando em direção ao estímulo e negativa quando se afasta do mesmo.

produção de algo mais do que o necessário para a sobrevivência. As comunidades estão tão preocupadas com o atendimento das necessidades físicas essenciais que não têm tempo ou energia para ataques violentos contra os outros; nem há qualquer benefício em atacar outra pessoa ou grupo porque ninguém produz bens suficientes para tornar o ataque valioso ou compensador. Tais condições selecionam os seres humanos que são pacíficos, trabalhadores e cooperativos, porque apenas indivíduos com esses traços podem esperar ser bem-sucedidos nessas condições.

Ainda seguindo Boyles e Tilman (1993, p.1200), a cultura predatória (ou instinto de *Sportsmanship*) em Veblen surge como resultado das mudanças das condições sociais, onde o avanço da tecnologia permite a produção de um excedente de bens e torna-se possível que um indivíduo tenha mais do que precisa. O sucesso agora pode ser medido em termos individuais, ao invés de em termos da comunidade. Indivíduos bem sucedidos são aqueles poucos que são capazes de se apropriar do excedente de bens. Ao fim desta sequência de eras, sucede-se o período do artesanato e da máquina, que tende a ser um pouco mais pacífico do que o da cultura predatória, embora por motivos diferentes. O desenvolvimento da propriedade reflete o ganho pecuniário, de modo que as pessoas tendem a se comportar de maneira a aumentar seus lucros. Apesar de existir um elemento de competitividade, um estado “quase pacífico” é necessário porque isso é favorável à indústria, e a indústria (isto é, o controle da indústria) é o meio pelo qual os lucros são obtidos.

No caso acima, mais uma vez as condições da sociedade selecionam o tipo genético adequado, que por sua vez codifica o comportamento adequado. Essa codificação refere-se à interação entre genótipo e fenótipo⁵. Na época de Veblen, contudo, os trabalhos de Mendel estavam recém sendo descobertos⁶ e o darwinismo sofrendo ataques de um novo grupo: os geneticistas mendelianos representados por De Vries (1909-10) e seus seguidores. Eles reabilitaram o trabalho de Mendel e, ao contrário de Darwin, que defendia a evolução gradual das espécies, este grupo defendia o mutacionismo⁷. Veblen (1898), ao contrário, trabalhava

⁵ O genótipo compreende o conjunto total de carga genética (ou genoma). Nem todos caracteres contidos no genótipo manifestam-se na aparência do ser vivo (fenótipo), dado que o ambiente pode estimular a ação de certos genes reguladores, que estimulam ou inibem a ação de determinados genes que produzem hormônios, neurotransmissores e quaisquer substâncias que possam interferir em qualquer instância do ser vivo.

⁶ Os trabalhos de Mendel datam de 1840, mas somente foram disseminados a partir do início do século XX.

⁷ teoria segundo a qual a evolução, em geral, e a especiação, em particular, seriam essencialmente consequências de processos mutacionais abruptos.

com herança de caracteres adquiridos⁸, o que garantia a sucessão de hábitos de pensamento contidos nas instituições⁹ para as gerações seguintes.

O institucionalismo evolucionário de Veblen pode, segundo Hodgson (2004), ser resumido a partir de seis rejeições e treze doutrinas ou princípios. As rejeições são: 1) ao positivismo e empirismo; 2) ao determinismo; 3) ao reducionismo biológico; 4) ao individualismo metodológico; 5) ao coletivismo metodológico; 6) ao processo evolutivo como teleológico ou necessariamente otimizador. Os princípios ou doutrinas são: 1) princípio da causação universal; 2) a doutrina darwiniana de continuidade; 3) o princípio da explicação causal cumulativa; 4) a extensão dos princípios darwinianos para a evolução socioeconômica; 5) o princípio da explicação evolucionária; 6) o princípio da consistência das ciências; 7) a primazia temporal e ontológica dos instintos e hábitos sobre a razão; 8) os indivíduos dependem das estruturas sociais; 9) as instituições (como estruturas sociais) dependendo dos indivíduos; 10) a prioridade temporal da sociedade sobre todo e qualquer indivíduo; 11) a possibilidade de reconstituir a causação *downward*; 12) instituições como unidade de seleção evolutiva e; 13) instituições como repositórios de conhecimento social.

Infelizmente, Hodgson (2004) também coloca que as ideias de causação cumulativa, ontologia em camadas e de propriedades emergentes nunca foram bem desenvolvidas por Veblen, apesar destes conceitos já estarem presentes na obra de Darwin¹⁰. Segundo Hodgson (2004), uma ontologia irreduzível e em camadas, incluindo níveis físico, vital, mental e social não eram claros, estavam subdesenvolvidos ou ausentes nas obras de Veblen. Apesar disso, autores contemporâneos a Veblen, principalmente Morgan (1913), desenvolveram uma ontologia de três camadas, envolvendo a físico-química, orgânica e mental. Nesta hierarquia, os níveis superiores foram baseados nos inferiores, mas envolveram propriedades emergentes novas e qualitativas, resultantes de uma síntese criativa de elementos de nível inferior. O estágio crucial nessa confluência de ideias foi a combinação de propriedades emergentes com

⁸ Referimo-nos aqui às idéias de Lamarck, que inclusive tinham uma certa concordância de Darwin. O Lamarckismo só foi entrar em decadência, segundo Hodgson (2004), a partir da escola neo-darwinista de Weissmann, que negava a idéia de transmissão de caracteres adquiridos (ou Barreira de Weissmann). Décadas depois, o estudo da epigenética mostrou que, de certa forma, caracteres adquiridos numa geração podiam ser herdados.

⁹ Veblen (1898) define as instituições como depositárias de hábitos de pensamento.

¹⁰ Lawson (2015, p. 12) exemplifica de forma didática estas relações que, a seu ver, não são adequadamente abordadas pela ortodoxia econômica: fenômenos emergentes, então, existem na relação social, como no exemplo aluno-professor. Alunos e professores são o que eles são apenas em relação uns aos outros. Isso significa que, como as coisas relacionadas internamente ainda são distinguíveis - os alunos e os professores ainda são diferentes uns dos outros -, há algo além deles, sendo os diferentes tipos de entidades que explicam sua diferença. O que está acima deles, então, é emergente de sua diferença. O surgimento, então, é uma característica intrínseca da relação interna do mundo.

uma ontologia em camadas. O que foi mais importante sobre a contribuição de Morgan (1913) foi sua colocação dessas ideias no contexto de um processo evolucionário darwinista envolvendo a criação de novidades.

Na crítica ontológica¹¹ de Lawson (2013), há três posições que uma visão de causação cumulativa traz como implicação para a natureza da realidade social: (1) esta é processual e altamente transitória; (2) seus fenômenos são caracterizados pela emergência e aparência de novidade; e (3) seus fenômenos são constituídos em relação um ao outro, ou as entidades do mundo social estão internamente relacionadas. Um mundo concebido de modo “aberto” em termos ontológicos não pode ser representado como uma coleção de regularidades de eventos, porque segundo Lawson (2013) o mundo não pode ser feito de átomos exercendo efeitos causais independentes e invariáveis um sobre o outro. Assim, os efeitos da ontologia atomista devem ser rejeitados.

Nessa seção foram apresentados elementos do contexto de surgimento e da própria teoria evolucionária de Thorstein Veblen. Na seção a seguir, serão discutidos os conceitos da Sociobiologia a partir das obras do seu fundador, Edward Wilson, bem como alguns pontos de convergência com Veblen. Ao fim espera-se mostrar o quão Veblen avançou no sentido de mediar a perspectiva biológica com a social.

Veblen e a Sociobiologia de Edward Wilson: genes, Instintos, cultura e teleologia

Discutir as teorias de Thorstein Veblen e de Edward Wilson à luz do Darwinismo é considerar o “de onde viemos” para melhor determinarmos “para onde vamos”, ou melhor, “para onde queremos ir”. Cada um à sua maneira, Veblen, Wilson e Darwin consideravam insuficientes as explicações dadas pela ciência à época em que cada um viveu.

Assim como Darwin, Veblen e Wilson foram iconoclastas. O primeiro, ao expor o determinismo e reducionista da teoria econômica convencional. Esta última desconsiderava os hábitos de pensamentos e seus frutos, as instituições, ao defender um individualismo atomista. Veblen (1898) também criticou o Marxismo, por considerá-lo determinista e reducionista do

¹¹ Uma perspectiva ontológica conhecida como realismo crítico, um tipo de realismo científico que concebe a realidade como fundamentalmente (1) aberta e (2) estruturada ou estratificada, isto é, constituída de poderes causais e mecanismos subjacentes aos eventos e fenômenos observáveis. A este realismo ontológico, une-se um relativismo epistemológico (mas não judicativo) que afirma que conhecemos o mundo sob descrições irredutivelmente históricas e sociais. Aplicado aos fenômenos sociais, o realismo crítico reconhece, ainda, o caráter “ação-dependente” de todo fenômeno social, isto é, sua existência depende (ao menos em parte) da agência humana intencional (Bhaskar, 1996; Lawson, 2003; Hamlin, 2000).

ponto de vista coletivo. Para o autor nem tudo era totalmente obra dos indivíduos utilitaristas nem resultado da “luta de classes”, mas da interação entre ambos.

Wilson (1975), por sua vez, foi muito mais criticado do que criticou. Sua obra enfrentou os preconceitos gerados pelas ideias do Darwinismo Social, que desembocaram nas ideias de eugenia e supremacia racial. Várias escolas científicas desde a psicologia behaviorista até os ramos marxistas das ciências sociais tentaram refutar suas ideias. Sahlins (1996), por exemplo, afirma que a sociobiologia foi algo concebido à imagem do sistema de mercado, deste modo a natureza assim culturalmente imaginada tem sido por sua vez usada para explicar a ordem social humana, e vice-versa, num intercâmbio recíproco sem fim entre darwinismo social e capitalismo natural¹². Também a obra de Steven Rose, R. C Lewontin e Leon J. Kamin (1984), intitulada *Not in our Genes*, critica a sociobiologia de Wilson, porque segundo os autores, essa tenta explicar a sociedade e a propor formas de mudá-la por meio de planejamento genético¹³. Parece que as críticas fizeram Edward Wilson produzir mais e mais trabalhos, que por sua vez mostravam-se mais sofisticados que os anteriores.

Ao se comparar as extensas obras de Thorstein Veblen e Edward Wilson, encontram-se muitos pontos de convergência, principalmente nas obras mais recentes de Wilson (2002; 2008; 2012). De uma maneira geral quatro pontos gerais de convergência podem ser estabelecidos: 1) causalidade e propriedades emergentes: todo fato tem uma causa, mas nem todo fenômeno deriva da soma das suas propriedades constitutivas; 2) uso do *approach* evolucionário darwinista, tais como seleção natural, gradualismo e a negação da teleologia; 3) uso de conceitos e definições culturais e sociobiológicas (negam reducionismo) e; 4) visam desacreditar o ambientalismo, ou seja, o ambiente como único fator para a formação do ser humano, além de também negar seu extremo oposto, a total influência biológica na formação do ser humano. Nesta seção estes e outros aspectos serão aprofundados.

¹² A compreensão tradicional de “seleção natural” tem sido progressivamente assimilada para a teoria de ação social característica dos mercados competitivos, teoria característica de um tardio e historicamente específico desenvolvimento da cultura euro-americana. Por fim, ele conclui com uma sugestão: “a ideia que desejo sugerir é a de um isomorfismo entre as propriedades biológicas e as propriedades sociais”.

¹³ Os autores comparam Wilson a Hobbes do *Leviatã* de 1651 para explicar e prescrever toda a condição humana a partir de princípios básicos. Desta forma, todos aspectos da cultura e comportamento são moldados pela seleção natural e codificados pelos genes. Os detalhes dos arranjos sociais presentes e passados são as manifestações inevitáveis da ação específica dos genes.

A noção de causalidade em Veblen e Wilson

Segundo Veblen (1909)¹⁴, intenções podem ser causas, mas intenções são sempre causadas. A evolução da intencionalidade humana e seu desenvolvimento dentro de cada ser humano têm que ser explicados em termos de causas materialistas e evolutivas (seleção natural). Como observado acima, este é um aspecto da doutrina darwinista de continuidade. Assim, como Darwin, Huxley, Lewes e Morgan, Veblen rejeitou uma ontologia dualista ou cartesiana que separasse completamente a intencionalidade da matéria e causalidade materialista. Veblen (1909, p. 624) via tal dualismo como inaceitável pela seguinte razão: “Os dois métodos de inferência - de razão suficiente [ou intenção] e de causa eficiente [ou materialista] - estão fora de contato um com o outro e não há transição de um para o outro: nenhum método de converter o procedimento ou os resultados de um para o de outro”. Veblen (1898, p. 391) insistiu:

A ação econômica é teleológica, no sentido de que os homens sempre e em todos os lugares procuram fazer alguma coisa. O fato de que tal comportamento proposital surgiu por meio da evolução, não implica que seleção seja uma negação da realidade do comportamento intencional.

Em vez disso, Veblen (1898) consistentemente tentou conciliar uma noção de propósito individual (ou razão suficiente) com sua ideia materialista de causalidade (ou causa eficiente). Wilson (2008; 2012) desenvolve o conceito de causalidade como o da “coevolução gene-cultura”, que lida com a relação causal entre a evolução dos genes e a evolução da cultura. Isto significa, de forma sucinta, que muitas propriedades do comportamento social humano são afetadas pela hereditariedade, e que as propriedades inatas da natureza humana devem ter evoluído como adaptações. Por sua vez, estas propriedades resultantes da evolução acabam também por moldar a cultura.

Como visto na seção anterior, as propriedades emergentes são um componente da causalidade vebleniana. Este é um aspecto subentendido na obra de Veblen (1898), mas desenvolvido entre autores institucionalistas posteriores e que aparece também na obra de Wilson (1975; 1978; 2012), com outras formas. As propriedades e estruturas emergentes, em resumo, são as que surgem, emergem, a partir das interações e arranjos de componentes de um sistema que, tomados individualmente, não possuem aquela propriedade ou estrutura. Por exemplo, quando os íons de cloro e sódio se unem para formar o cloreto de sódio, o sal de cozinha, um composto iônico, emerge a propriedade sabor salgado. Tomados

¹⁴ É entendida como a ação que produz mudança e/ou influência sobre outra coisa.

individualmente, nem o cloro e nem o sódio são salgados. Outro exemplo, neste caso tomado de Wilson (2012), é o de um formigueiro. Este surge a partir das interações mediadas por substâncias químicas liberadas por diversas formigas. Uma formiga sozinha não apresenta a propriedade “divisão de tarefas”. Note que essas propriedades ou estruturas emergentes não são apenas a soma dos componentes, deve haver a interação e/ou o arranjo específico. Assim, de diferentes combinações de diferentes elementos, podem ser obtidos resultados que superiores à soma de suas partes.

Usos do approach evolucionário em Veblen e Wilson

Tem que se considerar, dentro do *approach* evolucionário, o fato de que tanto Veblen (1898) quanto Wilson (2012) negaram a teleologia, em concordância com as ideias evolucionárias de Darwin. Segundo Boyles e Tilman (1993), na sociobiologia os seres não são conscientes das razões de suas atividades. A humanidade não precisa saber que seu comportamento evoluiu para aumentar seu sucesso na sociedade. Na perspectiva de Veblen (1918), as pessoas não estão conscientes de que sua competitividade e ferocidade evoluíram para promover sucesso numa cultura que recompensa a riqueza e o gasto visível (*conspicuous wasting*). Tanto Wilson (2012) quanto Veblen (1898) estão de acordo que a evolução não ocorre por causa de uma determinada finalidade pré-concebida, mas como meio de adaptação a diferentes condições. Neste ponto, Veblen (1898) criticou o pensamento econômico como um dos últimos redutos científicos no qual a *teleologia* teria lugar privilegiado como preconceito metodológico. A argumentação é baseada na ideia de que a maioria das ciências - especialmente as naturais - havia abandonado seus vieses teleológicos, ao passo que a Economia, em suas palavras, ficava “desamparadamente atrás de seu tempo”.

Por sua vez, o gradualismo¹⁵ de Darwin está presente na obra de Veblen¹⁶ bem como em Wilson (2012). Mesmo não explicitamente, ambos reafirmam Darwin (2006), que afirmava que “a natureza não dá saltos”. A transmissão de caracteres adquiridos, presente nos dois autores, não faz parte diretamente do Darwinismo. Cada um à sua maneira, devido às diferentes épocas, deixa claro isso, seja utilizando os recursos da epigenética (caso de Wilson,

¹⁵ O **gradualismo** (ou gradualismo filético) é uma ideia que defende que a evolução se dá por meio de pequenas transformações no decorrer de diversas gerações dos seres vivos, configurando, portanto, um processo evolutivo lento e contínuo (Cardoso, 2018).

¹⁶ Vide principalmente *Why is economics not an evolutionary science?*

mais moderno), seja das ideias de Lamarck, no caso de Veblen (1898)¹⁷. Quanto à seleção natural, em Veblen (1914), o instinto de *workmanship* (colaborativo) contrapõe-se ao instinto de *sportmanship* (predatório), ainda que o último seja proveniente do primeiro. Ambos são relevantes e interagem entre si. Na sociobiologia de Edward Wilson, por sua vez, há equilíbrio entre seleção individual e seleção de grupo (seleção natural multinível)¹⁸.

A negação do reducionismo em Veblen e Wilson

Apesar de Hodgson (2004) afirmar que a sociobiologia é reducionista ao colocar todos os aspectos humanos dentro de justificativas biológicas, não se pode fazer a mesma afirmação diante das obras mais recentes de Wilson (2012). De uma forma Darwinista, pode-se dizer que a obra de Wilson sofreu um processo **evolutivo** desde seus escritos iniciais (tais como *Sociobiologia* de 1975) até suas obras mais recentes (tais como *A Conquista Social da Terra* de 2012), onde, de uma forma **gradualista**, houve uma **seleção natural** de tópicos abordados em seus livros, levando a um maior destaque à espécie humana e suas construções culturais e institucionais¹⁹. Wilson (2012) destaca principalmente a influência concomitante dos genes e da cultura, influenciando-se de forma mútua²⁰. Deste modo, Wilson (2012) pode até ter

¹⁷ Segundo Hodgson (2004), apesar de Veblen ter sido contemporâneo de Weissmann, o “segundo autor da teoria evolucionária após Darwin”, aquele não considerou as ideias da nascente escola neo-Darwinista, que negava as ideias de transmissão de caracteres por meio de células somáticas, ou seja, transmissão de caracteres adquiridos (a “barreira” de Weissmann). A moderna ciência da epigenética mostra que Veblen manteve-se no caminho certo.

¹⁸ Para maior esclarecimento, ver Gerardo Furtado (2009): [...] há uma nova e adequada explicação para seleção em níveis acima do indivíduo. Trata-se de uma questão simples de auto-regulação do ponto de vista evolutivo. Um exemplo [...] é o caso das bactérias *Pseudomonas fluorescens*. Há variantes que produzem um polímero que permite que a colônia flutue, e que têm um gasto energético maior para produzir este polímero; outras variantes, aproveitadoras, não produzem o polímero. A seleção com base nos indivíduos, ou mesmo nos genes, vai fazer com que a proporção de bactérias aproveitadoras na colônia se eleve. Contudo, se essa proporção for muito grande, a colônia afunda, e todas elas morrem. [...]

O que se pode fazer nesse caso é definir toda a colônia como uma unidade de seleção. Há uma série de colônias, algumas onde as bactérias aproveitadoras são mais “agressivas”, outras onde são mais contidas. Sem nenhuma teleologia em jogo, o processo seletivo pode ser explicado como sempre foi: tratando a colônia como unidade de seleção, certas colônias originam mais colônias que outras (maior taxa reprodutiva), e, assim, propagam seus genes e seus comportamentos bacterianos individuais.

Atualmente, essas propostas de seleção para diversos níveis hierárquicos, inclusive níveis superiores ao do organismo, é o que se tem denominado de “seleção multinível”. Para esses biólogos evolutivos, a seleção de parentesco, por exemplo, seria apenas um dos vários casos de seleção multinível em níveis superiores ao do indivíduo. Penso que é uma proposta a ser considerada seriamente, e que deve ser tratada de forma matemática bastante rigorosa. A seleção tendo como unidade o indivíduo, ou mesmo os genes (para os mais reducionistas), não está descartada. Pelo contrário: para alguns propositores da seleção multinível, como Edward Wilson e David Wilson, “a adaptação, em um dado nível, requer um processo de seleção natural no mesmo nível, e tende a ser debilitada pela seleção em níveis inferiores”.

¹⁹ As palavras em negrito referem-se a teorias independentes dentro do Drawinismo, conforme Mayr (2004).

²⁰ Este importante aspecto demonstra-se também no trabalho de Kologlugil (2013) sob o nome de co-evolução gene-cultura.

iniciado como um reducionista biológico, mas diante de sua vasta obra e, principalmente, dos livros mais recentes, isto não pode ser afirmado.

O uso que Veblen (1898) faz do *approach* evolucionário é não reducionista, uma vez que possui uma ontologia que une os fenômenos socioeconômicos aos biológicos. Cada *sistema populacional complexo* exige uma explicação distinta e específica acerca da ação dos princípios na sua esfera particular, sendo este um dever do pesquisador darwiniano (LUZ, 2013). Em Veblen (2007) observa-se o argumento anti-positivista da maneira como as instituições e os hábitos de consumo mudam com o tempo, a despeito do ser humano ser biologicamente o mesmo e de como estes hábitos de pensamento se transmitem para as gerações subsequentes²¹.

Já em Wilson (2012), as capacidades adquiridas permitem selecionar populações em relação ao ambiente. Este é o caso da combinação do domínio do fogo, do uso das mãos por meio de dedos maleáveis (e não garras), do desenvolvimento da linguagem e de um espaço territorial coletivo e definido para ser defendido²², traços que levaram a humanidade ao seu estágio atual de desenvolvimento.

Finalmente, um elemento oposto ao reducionismo, e que une ambos os autores é a crítica dirigida ao marxismo. Veblen (1898) critica-o por não incluir o papel do indivíduo e a capacidade deste de fazer escolhas: reducionismo coletivo da luta de classes. Já Wilson critica-o por tratar o ser humano como uma tabula rasa, dependendo totalmente do ambiente. A questão da supremacia racial também está relacionado ao reducionismo. Muito do fato das ciências sociais terem se separado das ciências biológicas se deve ao uso da última para justificar o domínio de uma determinada população sobre outra²³. Segundo Tillman (1992), a despeito de Veblen (1919) propor diferenças entre raças, isto não constitui racismo. Essas alegações de racismo ignoram tanto o contexto ideológico quanto o científico presente no tempo de Veblen e, mais importante, o fato de que Veblen nunca expressou animosidade para qualquer raça em seus escritos. Sequer deduzir isto seria legítimo, pois declarações normativas sobre direitos humanos não são logicamente dedutíveis de declarações teóricas sobre as causas dos atributos ou comportamentos humanos.

Wilson (2012) também se coloca contra a questão da supremacia racial, ao mostrar que o domínio não está exatamente na raça, mas na posse de certos “pré-requisitos”, tais

²¹ Também conhecido como *downward causation*.

²² Wilson chama-o de “ninho”.

²³ De uma forma mais explícita, justificar a Solução Final nazista, ao classificar seres humanos como portadores ou não de características arianas, visando uma pureza racial que preconizava a destruição das etnias não-arianas.

como o domínio do fogo.

Tanto Veblen (1898; 2007) quanto Wilson (2008; 2012) buscam unir o social e o biológico, mesmo em proporções diferentes. O pensador social Thorstein Veblen poderia pender a balança muito mais para o lado da sociedade e suas instituições, enquanto o entomologista Edward Wilson, por partir do campo biológico, pode, num primeiro momento, pender mais para a biologia²⁴. Veblen (2007) argumentou que os seres humanos têm instintos inatos, ou impulsos, análogos ao que hoje são chamados de predisposições genéticas, e “hábitos de pensamento”. Numa passagem polêmica, Veblen define uma instituição como um “hábito comum do pensamento”, e inclui um “instinto de curiosidade ociosa”, que produz inovações culturais análogas a mutações em um modelo genético. Assim, a evolução social é um processo seletivo de adaptação do temperamento e hábitos de pensamento sob o estresse e circunstâncias de vida associadas.

Já para Wilson (2007), a evolução é algo que acontece com uma população, não para um indivíduo. E, embora o gene seja o veículo da hereditariedade, forças seletivas podem afetar grupos de genes. Portanto, a seleção pode operar no nível do gene individual, no nível do cromossomo, ao nível do genótipo de um organismo individual, ou ao nível dos genes coletivos de um grupo de organismos em um grupo social.

O ambientalismo em Veblen e Wilson

Veblen e Wilson escreveram suas obras tentando desacreditar o ambientalismo, ou seja, a concepção de que o ambiente é o único fator para a formação do ser humano. Em Wilson (2012) tem-se a influência concomitante do ambiente e do componente biológico. Em termos genéticos, entende-se por genótipo a carga genética dentro do indivíduo²⁵. Por outro lado, entende-se por fenótipo a aparência final do indivíduo. Dependendo das condições ambientais²⁶, o fenótipo pode resultar diferente. Um exemplo disso é quando o autor explica sobre o incesto, onde seres criados como irmãos, mesmo não tendo laços de parentesco, comportam-se como irmãos e não se relacionam sexualmente. Já Veblen (1898), ao expandir a análise para o campo das instituições demonstra como elas representam a materialização dos instintos²⁷. Assim, os indivíduos emulam os hábitos de pensamento presentes nestas

²⁴ Rutherford (1998) estudou este aspecto, também conhecido como Darwinismo Universal.

²⁵ Isso equivale a instituições, não somente a indivíduos.

²⁶ Aqui podem ser elencadas as influências culturais, climáticas e de outras instituições.

²⁷ Um sinônimo seria “hábitos de pensamento”.

instituições. O ponto crucial está na questão evolucionária, ou seja, na transformação da sociedade com a consequente passagem da selvageria para o barbarismo primitivo. Neste tipo de situação, a ação social do indivíduo tende a influenciar na mudança institucional, visto que esta não é mais capaz de preencher adequadamente as necessidades destes indivíduos.

Boyles e Tilman (1993) demonstram um importante ponto de divergência entre Veblen e Wilson, a saber, a versão de sociobiologia do último não é compatível com a economia institucional de Veblen nem com aquele ramo da economia evolucionária que atualmente rotula-se “institucionalismo radical”:

Em última análise, o que separa Veblen como economista institucional do sociobiólogo Wilson é a crença do primeiro na potencialidade humana para a transformação social e o pessimismo deste último, de fato, às vezes, cinismo em relação à potencialidade política transformadora da espécie. Isso também é o que separa a sociobiologia da economia evolucionária contemporânea. (Boyles e Tilman 1993, p. 1213).

A razão para a divergência, segundo Boyles e Tilman (1993), é que Veblen foi influenciado pelo ambientalismo radical e behaviorismo mais do que Wilson. Apesar de Veblen não negar o papel da hereditariedade em determinar a evolução e o comportamento das espécies, a psique humana, na sua visão, é mais um produto do ambiente cultural que quaisquer outros fatores. Outro ponto de divergência está no conceito de instintos. Para Wilson (2012) os instintos levam a comportamentos estereotipados e previsíveis, além de não necessariamente estarem envolvidos no aprendizado. Já para Veblen (1898), o “comportamento instintivo” sempre envolve a aquisição de conhecimento ou habilidades. O produto final acaba sendo imprevisível, na medida em que fatores culturais e institucionais influenciam.

Considerações finais

As áreas científicas são delimitadas não somente em função de diferenças substantivas que separam o conhecimento humano, mas muitas vezes pela lógica dos interesses estabelecidos dentro dos departamentos universitários. A tão aspirada unidade do saber fica, assim, comprometida devido ao apego à especialização acadêmica, com cada área estabelecendo seus critérios metodológicos que se impõem como barreiras à comunicação com os saberes da vizinhança.

O distanciamento entre os conteúdos produzidos nas próprias ciências sociais se aprofundou no século vinte devido à crescente profissionalização e surgimento de novas especialidades. No domínio do econômico, quando ocorreu algum alinhamento foi mais pela redução de conceitos sociológicos ou políticos à lógica da ação econômica racional. Neste sentido, o presente trabalho buscou resgatar as ideias de Thorstein Veblen e sua compreensão da ação social. O objetivo foi entender a relação entre os aspectos institucionais e biológicos do comportamento humano. Para auxiliar nessa análise, buscou-se contrapor Veblen à sociobiologia de Edward Wilson, com a ressalva de que há restrições de ordem ontológica ao acoplamento do social ao biológico.

Pode-se dizer que a perspectiva evolucionária e a negação do ambientalismo e do reducionismo em Wilson, são elementos que tornam sua abordagem referência importante no diálogo sobre os aspectos biológicos e sociais do comportamento humano. Já em Veblen constatou-se traços de uma perspectiva biológica alinhada com elementos culturais e institucionais, ou seja, a forma não reducionista como introduz sua noção de instintos na análise social está longe de ser determinista. O diferencial de Veblen está por conceber os indivíduos como seres capazes de absorver a cultura e alterar seu ambiente através de um processo cumulativo de adaptação a uma série de eventos, além dos fatores biológicos contam também os elementos da ordem material (econômica), bem como a própria biografia e autodeterminação dos sujeitos.

Bibliografia

BHASKAR, R. (1996), Naturalismo, in Thomas Bottomore e William Outhwaite (orgs.), *Dicionário do pensamento social do século XX*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

BLAUG, M. (1972). Was there a marginal revolution? *History of Political Economy*, 4 (2): 269-280.

_____. (2003). The Formalist Revolution of the 1950s. *Journal of the History of Economic Thought*, 25 (2): 145-156.

BOYLES, M.; Tilman, R. (1993) Thorstein Veblen, Edward O. Wilson, and Sociobiology: An Interpretation. *Journal of Economic Issues*, 27 (4): 1195-1218.

CARDOSO, M. Gradualismo. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/biologia/gradualismo/>> acesso em: 12 de Agosto de 2018.

DE VRIES, H. (1909-10) The mutation theory; experiments and observations on the origin of species in the vegetable kingdom. Chicago, Open Court Pub. Co.

DORFMAN, J. (1945 [1934]). *Thorstein Veblen and his America*. The Viking Press.

DUMONT, L. (2000). *Homo Aequalis*. Edusc.

FURTADO, G. A questão da seleção multinível. Disponível em: <<https://biologiaevolutiva.wordpress.com/2009/07/26/a-questao-da-selecao-multinivel/>> acesso em: 15 de Agosto de 2018.

HAMLIN, C. L. (2000) Realismo crítico: um programa de pesquisa para as ciências sociais. *Dados*, 43 (2): 373-397.

HEDOIN, C. (2012) Veblen et son actualité : sélection multi-niveaux et darwinisme généralisé. *Economia*, 2:179-207.

DARWIN, C. ([1859] 2006). *On the Origin of Species by Means of Natural Selection, or the Preservation of Favored Races in the Struggle for Life*. Dover Thrift Editions.

HODGSON, G. (2004). *The evolution of institutional economics: agency, structure and darwinism in american institutionalism*. London: Routledge.

KOZLOGLUGIL, S. (2013). Thorstein Veblen, Darwinism, and Gene-Culture Coevolution Theory. Faculty of Economics and Administrative Sciences WP, No. 2013-01, Isik University.

LAWSON, T. (2003). Theorizing ontology. *Feminist Economics*, 9 (1): 161-169.

_____. (2013). Emergence, morphogenesis, causal reduction and downward causation in M. Archer, ed., *Social Morphogenesis*, New York: Springer.

LUZ, M. (2013) Darwin's conjecture: the search for general principles of social & economic evolution. *Econ. soc.* 22 (2): 577-582.

MAKI, U. (2000). Imperialismo da economia: conceitos e restrições. *Econômica*, 3:5-36.

MAYR, E. (2004). *What Makes Biology Unique? Considerations on the autonomy of a scientific discipline*. Cambridge University Press.

MORGAN, C. L. (1913) *Spencer's Philosophy of Evolution*. Oxford: Clarendon Press.

ROSENBERG A. (2009) If economics is a science, what kind of science is it? *in: The Oxford Handbook of the Philosophy of Economics*, (ed.) Harold Kincaid and Dan Ross. Oxford: Oxford University Press.

ROSE S. R.; LEWONTIN C.; KAMIN L. (1990) *Not in Our Genes: Biology, Ideology and Human Nature*. Reprinted in Penguin books.

RUTHERFORD, M. (1998). Veblen's Evolutionary Programme: a promise unfulfilled. *Cambridge Journal of Economics*, 22: 463-77.

SAHLINS, M. (1996) The use and abuse of biology: an anthropological critique of sociobiology. Ann Arbor: University of Michigan.

SILVA, V. L. (2008). Arqueologia da sociologia econômica: a contribuição de Thorstein Veblen. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, 13 (24), p.133-151.

TILMAN, R. (1992) Thorstein Veblen and His Critics, 1891–1963: *Conservative, Liberal, and Radical Perspectives*. Princeton: Princeton University Press.

VEBLEN, T. ([1898] 2007). *The Theory of Leisure Class*. Oxford and New York: Oxford University Press.

_____. (1898). Why is economics not an evolutionary science? *Quarterly Journal of Economics*, 12 (4): 373-397.

_____. (1909). The Limitations of Marginal Utility. *Journal of Political Economy*, 17(9): 620–36.

_____. ([1913] 1919) The Mutation Theory and the Blond Race, *Journal of Race Development*, April: 491–507.

_____. ([1914] 1918). *The Instinct of Workmanship: And the State of the Industrial Arts*. New York: B. W. Huebsch.

WILSON, D.; WILSON, E. O. (2007) Evolution: survival of the selfless. *New Scientist*, 196: 42-46.

WILSON, E. O. (1975) *Sociobiology: A New Synthesis*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

_____. (1978) *On Human Nature*. Harvard University Press.

_____. (1998). *Consilience*. New York: Alfred A. Knopf.

_____. (2008). *A Criação: como salvar a vida na Terra*. Editora Schwarcz Ltda.

_____. (2012) *The Social Conquest of Earth*. Live right Publishing/W. W. Norton & Company.

Artigo recebido em 25/10/2019

Aprovado em 06/03/2020

Como citar esse artigo:

SILVA, Alexandre. AGUILAR FILHO, Hélio Afonso. Diálogos possíveis: o institucionalismo de Thorstein Veblen e a sociobiologia de Edward Wilson. **Revista de Economia da UEG**. Vol. 15, N.º 2, jul/dez. 2019.